

Um Silo chamado Eduíno de Jesus

Clique nas imagens para ampliar

Autor(a): Lélia Pereira da Silva Nunes | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**
Tema: Língua e Literatura
Subtema: Recensões
Referência geográfica do conteúdo: Lisboa, Portugal
Data de publicação: 08/12/2008
Referência da Primeira Publicação:
Suplemento Atlântico de Artes e Letras–SAAL.In:Revista SABER.Ponta
Delgada.set.2005.
Línguas disponíveis: Português



Capa do livro Os Silos do Silêncio Arte: Retrato de Eduíno de Jesus por Artur Bual,acrílico s/tela,1994.

RESUMO

Recensão sobre a obra poética Os Silos do Silêncio que reúne as mais representativas poesias de Eduíno de Jesus, no período de 1948 a 2004.

Mais de trezentas páginas de uma vigorosa Antologia pessoal que reúne meio século da sua belíssima produção poética.

Na I Parte apresenta as três coletâneas poéticas: Caminho para o Desconhecido (1952), O Rei Lua (1955) e A Cidade Destruída durante o Eclipse (1957) e na II Parte Inéditos & Dispersos. Uma poesia que manteve longe dos olhos do público leitor desde o final dos anos cinqüenta por puro cuidado, esmero, extremo zelo, por não a considerar pronta, finalizada. Finalmente, abre as comportas de seu Silo e dá a conhecer seu precioso conteúdo.



Eduíno de Jesus, nas Furnas, São Miguel

CONTEÚDO

Um Silo chamado Eduíno de Jesus

" Gosto de poesia, não penso no que estou a produzir,
neste pão que estou a fabricar para cada fome."

Eduíno de Jesus,
(In: Revista O Olhar, 2005)

Moveram-se as pás do moinho do tempo completando mais um ciclo vital e, finalmente, abriram-se as comportas do silo deixando sair o fruto armazenado por longo tempo. Como na parábola bíblica do José do Egito que armazenou o trigo para alimentar o povo em tempos de "vacas magras".

Pois, não é esta a função tradicional de um silo? Armazenar e conservar cereais e forragem verde antevendo os tempos difíceis de grande seca ou de inverno rigoroso? Ou, numa definição mais atual, armazenamento de grãos no período da safra para a sua disponibilização na entre safra?

Nas minhas andanças conheci muitos tipos de silos. Os de sofisticada tecnologia, como os da Virginia Polytechnic Institute and State University - Virginia Tech, em Blacksburg, Va ou os horizontais para forragem, de superfície, tipo "trincheira", que vi espalhados pelos verdejantes campos do Concelho das Velas e da Calheta, na paradisíaca Ilha de São Jorge, nos Açores. Dos mais simples e rústicos, nas pequenas propriedades rurais, aos de máxima utilização do espaço de armazenamento, a mais moderna tecnologia de automação agrícola em silos para a guarda de grãos.

No entanto, ainda não conhecera um silo que armazenasse poemas, alimento para a alma. Sim, este silo existe. Tem nome e criador. Falo da obra poética Os Silos do Silêncio que reúne as mais representativas poesias de Eduíno de Jesus, no período de 1948 a 2004. Mais de trezentas páginas de nutrientes, selecionados em primeiríssima escolha por seu criador, armazenados e que agora são descarregados livremente, sem resíduos, sem segregação de espécie alguma, apenas a palavra poética. Um silo que teve seu espaço interno utilizado ao nível máximo e que agora se abre e dá a conhecer o seu precioso conteúdo.

Mais de meio século de trabalho poético e aventuras por muitos caminhos em recolhas tão diferentes que poderia se dizer de autores diferentes para, finalmente, desaguar numa obra de impressionante luminosidade. Uma antologia pessoal, que reúne na I Parte as três coletâneas poéticas: Caminho para o Desconhecido (1952), O Rei Lua (1955) e A Cidade Destruída durante o Eclipse (1957) e na II Parte Inéditos & Dispersos. Uma poesia que manteve longe dos olhos do público leitor desde o final dos anos cinqüenta por puro cuidado, esmero, extremo zelo, por não a considerar pronta, finalizada. Um perfeccionista, isto sim.

O brilhante prefácio do poeta António Manuel Couto Viana convida o leitor, levando-o a degustar sem pressa. Até porque poema não se devora avidamente, saboreiam-se palavras, evocando sensações e emoções, valorizando cadência, som e harmonia, instigando o leitor e preparando-o para percorrer as trilhas do poeta e recriar um estado poético semelhante. Não só. A leitura do poema permite recuperar o que o autor quis transmitir ou o que ele procura e, ao mesmo tempo, agregar outros significados pinçados nas vivências ou no percurso do tempo. A página de abertura - o Pórtico, em Ao Leitor, fala de seus versos e da Beleza que procura, sugere, com astúcia, uma busca instigante e, ao mesmo tempo, estabelece uma cumplicidade entre o autor e o leitor.

A I Parte reúne os três volumes de poemas, publicados nos tempos de Coimbra, na década de 50, por onde flui toda a sensibilidade e criatividade do seu genuíno talento já naquela época reverenciado, como a explicação dada por



Eduíno de Jesus e o amigo poeta Eduardo Bettencourt Pinto no Parque dos Poetas, Oeiras, Portugal



Eduíno de Jesus, o presidente da Casa dos Açores de Lisboa